

UMA FROTEIRA ENTRE IMAGEM E ARENITO: VESTÍGIOS ICONOGRÁFICOS NA IGREJA DE ST MARY E ST DAVID DE KILPECK

**SANTOS, Amanda Basilio
LEAL, Elisabete da Costa (Orientadora)
amanda_hatsh@yahoo.com.br**

**Evento: XVII Encontro de Pós-Graduação
Área do conhecimento: Ciências Humanas, História Medieval**

Palavras-chave: Medievalo; Iconografia; Fronteira.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se de um recorte da pesquisa de Mestrado em História em andamento na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), intitulada “Unindo Espaços: uma análise iconográfica da igreja de St Mary e St David de Kilpeck e a permanência de crenças marginais na Inglaterra do século XII.”. Neste momento pretende-se dar destaque aos aspectos iconográficos que estão ligados aos espaços de uma fronteira em disputa. A igreja de St Mary e St David (na época de sua construção dedicada apenas a St David), encontra-se à 8km da fronteira entre a Inglaterra e o País de Gales. Foi construída entre 1134 e 1145, sendo difícil definir com exatidão esta data. A localidade onde ela foi construída, Kilpeck, só havia sido passada de uma diocese galesa para uma inglesa em 1130, sendo neste momento apropriada como parte integrante de Hereford na Inglaterra, e não de Llandaff no País de Gales.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

É importante destacar neste trabalho o que entendemos por fronteira: o conceito de fronteira deve ser entendido para muito além de uma demarcação de domínios, sendo esta visão ligada à ideia da *fronteira linha*, definida e simples de compreender. A fronteira é um local flexível, dinâmico é uma construção imaginária (AGNEW, 2008, p. 2). Compreendemos também as formas variadas como o termo "fronteira" tem sido utilizado pela historiografia e os perigos que estes usos, e as vezes, abusos, podem causar (JANECZEK, 2011, p. 6).

Deste modo, damos fundamental atenção as relações pertinentes e simbióticas entre os elementos iconográficos e arquitetônicos e as *Marchia Walliae*¹ visíveis na igreja de Kilpeck. As marcas são acima de tudo fronteiras belicosas, de intensa interação. Estas regiões eram administradas de modo diferenciado, permitindo liberdades e benesses que não são cedidas aos senhores feudais de outras regiões. As fronteiras são "[...] sobretudo simbólicas. São marcos, sim, mas sobretudo de referência mental que guiam a percepção da realidade." (PESAVENTO, 2002, p.35)

¹ Termo medieval em latim para definir as marcas de fronteira entre o País de Gales e a Inglaterra.

3 MATERIAIS E MÉTODOS (ou PROCEDIMENTO METODOLÓGICO)

Por não ter sido possível acesso físico à Igreja de Kilpeck a análise foi feita a partir de fotografias das mesmas, disponíveis através do site do *Corpus of Romanesque Sculpture of Britain and Ireland*² (CRSBI), acessado pela última vez em 10 de julho de 2015. Além do banco de dados do CRSBI também utilizamos o livro de George Robert Lewis e Guillaume Durand, escrito em 1842, que traz os desenhos feitos *in situ*. Para a análise dos elementos iconográficos e arquitetônicos da Igreja de Kilpeck foi feito primeiramente um banco de dados no Access 2007, com entradas que facilitem a visualização dos elementos e a localização dos mesmos na espacialidade arquitetônica. Partindo dos dados encontrados e organizados no banco de dados é possível a criação de gráficos temáticos, para que seja possível a quantificação dos elementos representados.

Estes elementos, após devido inventariamento e quantificação, serão analisados através da metodologia proposta por Erwin Panofsky (1979). O método de Panofsky será utilizado através de seus três momentos (pré-iconográfico; iconográfico; iconológico).

4 RESULTADOS e DISCUSSÃO

A pesquisa ainda encontra-se em fase inicial, sendo difícil destacar resultados acabados neste momento. Mas conseguimos, partindo da detalhada análise simbólica, material e de verificação espacial da arquitetura, verificar padrões imagéticos ligados às questões de fronteira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendemos destacar a importância dos elementos iconográficos e arquitetônicos como fontes para compreender as relações de fronteira, assim como destacar que estas relações são complexas e fluídas.

REFERÊNCIAS

- AGNEW, J. Borders on the mind: re-framing border thinking. **Ethics & Global Politics**, p. 1-17, 2008.
- HOLFORD, M. L.; STRINGER, K. J. **Border Liberties and Loyalties: North-East England**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010.
- JANECZEK, A. Frontiers and Borderlands in Medieval Europe. **Quaestiones Mediaevi Novae**, p. 5-14, 2011.
- LEWIS, G.; DURAND, G. **Illustrations of Kilpeck Church, Herefordshire**. Londres: G. R. Lewis, 1842.
- PANOFSKY, E. **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- PESAVENTO, S. J. Além das Fronteiras. In: MARTINS, M. H. **Fronteiras Culturais: Brasil, Uruguai, Argentina**. Porto Alegre: Ateliê Editorial, 2002. p. 35-39.
- ZARNECKI, G. **Regional Schools of English Sculpture in the Twelfth Century: The Southern School and the Herefordshire School**. Londres: University of London, 1951. 382f p. Tese de doutorado.

² Link de acesso: <<http://www.crsbi.ac.uk/>>.